Uma vida, duas vidas, um sorriso - Redação do Momento Espírita

Foi durante a guerra civil na Espanha.
Antoine de Saint-Exupéry, o autor de O pequeno príncipe, foi lutar ao lado dos espanhóis que preservavam a democracia.

Certa feita, caiu nas mãos dos adversários.
Foi preso e condenado à morte.

Na noite que precedia a sua execução, conta ele que foi despido de todos os seus haveres e jogado em uma cela miserável.

O guarda era muito jovem.
Mas era um jovem que, por certo, já assassinara a muitos.
Parecia não ter sentimentos.
O semblante era frio.

Vigilante, ali estava.
E tinha ordens para atirar para matar, em caso de fuga.

Exupéry tentou uma conversa com o guarda, altas horas da madrugada.
Afinal, eram suas últimas horas na face da Terra.
De início, foi inútil.
Contudo, quando o guarda se voltou para ele, ele sorriu.

Era um sorriso que misturava pavor e ansiedade.
Mas um sorriso.
Sorriu e perguntou de forma tímida:

Você é pai?

A resposta foi dada com um movimento de cabeça, afirmativo.

Eu também, falou o prisioneiro.
Só que há uma enorme diferença entre nós dois.
Amanhã, a esta hora eu terei sido assassinado.
Você voltará para casa e irá abraçar seu filho.

Meus filhos não têm culpa da minha imprevidência.
E, no entanto, não mais os abraçarei no corpo físico.
Quando o dia amanhecer, eu morrerei.

Na hora em que você for abraçar o seu filho, fale-lhe de amor.
Diga a ele: Amo você.
Você é a razão da minha vida.

Você é guarda.
Você está ganhando dinheiro para manter a sua família, não é?

O guarda continuava parado, imóvel.
Parecia um cadáver que respirava.

O prisioneiro concluiu: Então, leve a mensagem que eu não poderei dar ao meu filho.

As lágrimas jorraram dos olhos.
Ele notou que o guarda também chorava.
Parecia ter despertado do seu torpor.
Não disse uma única palavra.

Tomou da chave mestra e abriu o cadeado externo.
Com uma outra chave abriu a lingueta.
Fez correr o metal enferrujado, abriu a porta da cela, deu-lhe um sinal.

O condenado à morte saiu apressado, depois correu, saindo da fortaleza.

O jovem soldado lhe apontou a direção das montanhas para que ele fugisse, deu-lhe as costas e voltou para dentro.

O carcereiro deu-lhe a vida e, com certeza, foi condenado por ter permitido que um prisioneiro fugisse.

Antoine de Saint-Exupéry retornou à França e escreveu uma página inesquecível: Uma vida, duas vidas, um sorriso.

* * *

Tantas vezes podemos sorrir e apresentamos a face fechada, indiferente.

Entretanto, as vozes da Imortalidade cantam.
Deus canta em todo o Universo a glória do amor.

Sejamos nós aqueles que cantemos a doce melodia do amor, em todo lugar, nos corações.

Hoje mais do que ontem, agora mais do que na véspera, quebremos todos os impedimentos para amar.

Redação do Momento Espírita, com base

em Conferência de Divaldo Pereira Franco, na

abertura do 4º Simpósio Paranaense de Espiritismo,

em Curitiba, Paraná.

Em 29.
1.
2024